



## **O QUE PENSAM ALUNOS E EQUIPES PROFISSIONAIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO FORTALECIMENTO DOS PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM ADOLESCENTES NO MEIO ESCOLAR**

Maria Aparecida Alves da Silva; Ana Lúcia Leal; Rafaela Cícera Ferreira

*Universidade Federal de Pernambuco, cidalves20@hotmail.com; Universidade Federal de Pernambuco,  
analealchaves@yahoo.com.br; Universidade Federal de Pernambuco, rafaela-ranayra@hotmail.com*

**Resumo:** Este trabalho objetivou pesquisar o papel da escola no favorecimento do processo de resiliência de alunos do Ensino Fundamental 2 e Médio. Os objetivos específicos foram: Investigar a percepção dos profissionais que trabalham nas escolas analisadas, em relação a como este ambiente pode fortalecer a resiliência dos alunos; Conhecer a percepção dos adolescentes sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior e; Realizar uma análise comparativa dos dados obtidos. Aplicamos um questionário em todos os participantes, sendo um total de 381 pessoas (346 alunos, 25 professores e 10 profissionais da área pedagógica). Dentre vários achados, as três esferas pesquisadas consideraram ser necessário posturas mais humanas para o fortalecimento da relação interpessoal, pois instigaria a formação de laços afetivos e de princípios, tais como: a confiança, a ética e o respeito, sem descartar o compromisso com o aparato técnico. Apesar disso, não encontramos, na percepção da maioria dos alunos, um sentimento de confiança, segurança, carinho e acolhimento por parte dos profissionais que trabalhavam com eles. Neste sentido, parece haver uma distância razoável entre a teoria e a prática e esperamos que as instituições possam, permanentemente, repensar a sua cultura como o todo, pois quando priorizamos a formação humana do SER, é possível fortalecer o enfrentamento das adversidades, fortalecendo a resiliência de seus alunos. Talvez falte disponibilidade para escutar o que nem sempre é dito e para entender que estamos e estaremos sempre nos metamorfoseando, nos adaptando em prol da melhoria da qualidade de vida da coletividade.

**Palavras-chave:** Resiliência, Formação Humana, Educação.

### **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa resultou de nossa pesquisa PIBIC/UFPE/CNPq, concluída no ano de 2015 e teve como problemática e questão norteadora investigar “O papel das escolas e dos profissionais que nela trabalham no favorecimento da construção de processos de resiliência de adolescentes, sob o ponto de vista dos alunos e dos profissionais”.

Para Poletti e Dobbs (2007) há mais de quarenta anos a Psicologia tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presos nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho se chama resiliência (ANTUNES, 2007; COSTA, 1995; CYRULNIK, 2004; POLETTI, DOBBS, 2007; TISSERON, 2007).

Segundo Yunes (2003), a força da resiliência depende muito mais do ambiente social: o senso de pertença e a valorização das relações interpessoais ajudam a atribuir sentido menos grave à adversidade; o encorajamento facilita um olhar mais positivo; e, transcendência, do que o agir isolado de um indivíduo.

Neste sentido, os estudos desenvolvimentistas concebem as adversidades como variáveis interdependentes de um contexto social que envolvem fatores políticos, ambientais, sociais, econômicos, familiares, genéticos e culturais. Tais discussões são subsidiadas, especialmente, pela abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2011).

Antunes (2007), Assis, Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2006), Tavares (2001), entre outros, consideram que a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, pois agrupa distintos sistemas humanos e articula o professor ao aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano e de proteção.

A partir de um ensaio teórico, Fajardo, Minayo e Moreira (2010) afirmam que a resiliência pode ser consolidada na ação docente, e que o ambiente resiliente da ação pedagógica cresce quando existe um suporte afetivo e emocional necessário para que as pessoas trabalhem em constante clima de aprendizagem. Neste sentido, é fundamental que a escola invista todos os seus recursos para conseguir uma comunidade educativa inclusiva e resiliente.

Acreditamos que o ambiente escolar pode funcionar como um ambiente protetivo e fortalecerá a resiliência de seus alunos se, dentre outras coisas, os professores compreenderem a importância de trabalhar estratégias capazes de fortalecer a capacidade dos alunos lidarem com suas dificuldades. Os professores necessitam cultivar vínculos com seus alunos, para que também eles não incorram no isolamento, na discriminação e, conseqüentemente, na violência.

Sudbrack e Dalbosco (2005) argumentam que a escola precisa transformar-se para se configurar enquanto um espaço de proteção, promotora de processos de resiliência. Destacam vários fatores de risco presentes na escola, tais como: falta de negociação de normas e regras, relações interpessoais desrespeitosas relação ao desempenho dos alunos, atividades acadêmicas pouco criativas, presença de estigma (rótulo)





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

em relação a certos alunos, relação professor aluno carente de afetividade, baixo nível de confiança no ambiente escolar e pouco incentivo ao altruísmo, cooperação e solidariedade. Compreender os fatores que mais intensificam o impacto das situações de risco permite que as ações educativas revistam-se de posturas e atitudes protetivas, que minimizam o impacto do risco sobre as vidas dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades.

Boa parte dos problemas na escola poderia ser sanado se o ambiente mudasse para melhor (CYRULNIK, 2004), pois a resiliência tem tudo a ver com presenças de pessoas significativas, solidárias, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras (YUNES, 2003).

No Brasil há poucos estudos que discutam o fortalecimento dos processos de resiliência durante a adolescência. Vargas (2009) considera que nessa fase da vida interagem, com forte intensidade, no indivíduo, aspectos físicos, cognitivos, sexuais, sociais, emocionais, etc. Neste contexto, a escola surge como um local determinante, promovedor de emoções negativas e positivas aos jovens.

No contexto escolar, percebe-se que o adolescente tem condições para realizar uma avaliação sobre si mesmo e sobre o mundo que está inserido, conseguindo refletir, analisar e tirar suas próprias conclusões. As relações de amizade e confiança entre educador e educando, quando preservadas, podem ser de grande valia para o desenvolvimento do aluno. Para Vargas (2009), o processo de educação e motivação dos adolescentes se associa diretamente à confiança atribuída ao mestre. Estudar as relações entre adolescência, educação e o conceito de resiliência, portanto, mostra-se atual e pertinente.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico a respeito da temática central da pesquisa, sendo ela resiliência, depois adentramos para sua relação com a educação. Posteriormente nos aproximamos das Instituições, a fim de se obter escolas parceiras que pudessem viabilizar a realização do Projeto. Após selecionarmos duas escolas (chamadas de X e Y) informamos aos seus diretores o objetivo do Projeto, as etapas que seriam realizadas, ressaltando a importante contribuição para uma formação mais humana dos profissionais

envolvidos, sobretudo, dos seus professores.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A partir do momento em que foi obtida a autorização dos responsáveis pelas escolas, os profissionais e alunos foram convidados para participarem do Projeto.

Na etapa seguinte aplicamos um questionário em todos os participantes (aluno, docente e a equipe pedagógica) com o objetivo de identificar as possíveis contribuições da escola para o fortalecimento da resiliência dos alunos e como são vivenciadas as relações interpessoais em seu interior. Para Barbosa (2006), ainda não se dispõe de uma tecnologia mecânica ou computadorizada que meça a resiliência. Tem-se recorrido a instrumentos vinculados à capacidade cognitiva e os questionários estão dentre esses recursos que viabilizam sua mensuração.

Utilizamos três questionários: um destinado aos docentes, um aos alunos e o outro à equipe pedagógica, baseados em vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006). O material obtido foi explorado minuciosa e qualitativamente em uma etapa posterior.

Apesar do quantitativo de alunos nas duas escolas ser 857 (oitocentos e cinquenta e sete), houve a participação de apenas 346 alunos (174 do ensino fundamental e 172 do Médio). No Ensino Fundamental 2 aplicamos os questionários em todas as turmas a partir do 7º ano, sendo quatro turmas no 7º ano, todas do 8º ano, duas turmas, e a única turma do 9º ano. A escolha destas turmas se deveu ao fato de considerarmos serem as turmas mais maduras do ensino fundamental 2 e, através de suas respostas, poderem contribuir mais efetivamente com a temática desta pesquisa.

Já no Ensino Médio, aplicamos o questionário nas turmas dos três anos, tendo sido, especificamente, aplicado nas primeiras e últimas de cada ano, num total de seis turmas. Muitas vezes se considera que as primeiras turmas são a dos “melhores alunos”, enquanto que as últimas turmas parecem ser formadas por aqueles que não se envolvem fortemente com a aprendizagem.

Embora o quantitativo de professores em ambas as escolas fosse de 56, participaram apenas 25, sendo 10 do Ensino Fundamental e 15 do Médio. Eles aludiram não estar disponíveis para participar da pesquisa devido à sobrecarga de atividades para serem executadas, tais como: preenchimento de cadernetas e elaboração de provas e por estarem vivenciando, na ocasião, o fim de bimestre.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A seguir, apresentaremos os principais resultados obtidos em relação aos nossos objetivos específicos. Ressaltamos, contudo, que por uma questão didática, a análise comparativa dos dados (3º objetivo específico) será realizada ao longo da apresentação dos resultados. Iniciaremos pela apresentação dos dados e discussão do nosso 1º objetivo específico.

1º) “Investigar a percepção dos profissionais que trabalham nas escolas analisadas em relação a como o ambiente escolar pode fortalecer a resiliência dos alunos adolescentes”

**No que diz respeito às respostas fornecidas pelo(a)s Professore(a)s**

Como dissemos, obtivemos um público de 25 professores, dos quais 60% pertenciam ao Ensino Médio (sendo 44% feminino e 16% masculino) e 40% ao Ensino Fundamental (ambos os sexos com 20%).

No que diz respeito à pergunta: “é possível acompanhar a vida dos alunos?”, 72% (40% do médio e 32% do fundamental) disseram que “difícilmente” ou “não”, onde 28% (sendo 20% do médio e 8% do fundamental) afirmaram que é possível “provavelmente” ou “sim”.

Em relação a: “você considera a opinião dos alunos relevante para o aprimoramento de suas aulas?” 96% (sendo 60% do médio e 36% do fundamental) afirmaram que “provavelmente” ou “sim”. Infelizmente 4% (do fundamental) dos professores declararam que a opinião dos alunos “não” era relevante para o aperfeiçoamento de suas aulas. Em nosso ponto de vista, o retorno do aluno é fundamental para o melhoramento das aulas, otimizando, inclusive, a relação professor-aluno.

Sobre a pergunta: “quando o aluno está passando alguma dificuldade, pode contar com os professores e equipe escolar?”, 68% dos professores (48% do ensino médio e 20% do fundamental) afirmaram que ele pode contar “quase sempre” ou “sempre” com o auxílio destes profissionais, 20% (16% do fundamental e 4% do médio) disseram que isto acontece “nunca” ou “algumas vezes” e 12% não informaram.

Em relação à questão: “em caso de discussões ou brigas entre alunos, você acha que eles se sentem seguros neste ambiente escolar?” 68% dos professores (sendo 44% do médio e 24% do fundamental) acreditaram que essa segurança ocorra “quase sempre” ou “sempre”, enquanto 32% (com 16% cada nível) consideraram essa ocorrência como “nunca” ou

“algumas vezes”.

No que diz respeito: “em sua opinião, os professores podem alterar/interferir no grau de resiliência de seus alunos?”, 68% dos professores



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

acreditam que isto possa acontecer “quase sempre” ou “sempre” (sendo 36% do médio e 32% do fundamental), 16% dos professores afirmaram que “algumas vezes” isto ocorre (sendo 12% do médio e 4% do fundamental), 16% não informaram, não havendo nenhuma referência à resposta “nunca”.

### **No que diz respeito às respostas fornecidas pela Equipe Escolar**

A Equipe Escolar foi composta pela equipe propriamente pedagógica e pela equipe interdisciplinar. Destes profissionais, por motivos superiores, não participaram desta pesquisa, na escola do nível fundamental 2, o Gestor, a Psicóloga e uma supervisora. Já na escola do nível médio, não participaram, a nutricionista, a Gestora administrativa, os Coordenadores da Biblioteca e do laboratório.

Podemos informar que obtivemos um público participante de dez profissionais, com 80% sendo do sexo feminino (40% de cada nível de ensino) e os outros 20% do sexo masculino (todos do ensino fundamental).

No que diz respeito a: “você considera a opinião dos alunos relevante para o aprimoramento da organização da escola?” 80% dos profissionais afirmaram considerar relevante a opinião dos alunos (sendo 40% pertencentes a cada nível de ensino), enquanto 10% do ensino fundamental apontou “não” ser relevante. 10% não responderam, sendo a equipe escolar toda pertencente ao nível fundamental. Pelo exposto, acreditamos que estes profissionais prezam uma gestão participativa.

Sobre “quando o aluno está passando por alguma dificuldade, ele pode contar com a equipe escolar?” A grande maioria dos profissionais, 80%, afirmou que “sempre” podem contar com eles (com 40% de cada nível de escolaridade), 10% consideraram “algumas vezes” e, por fim, 10% não informaram. Não houve nenhuma referência às respostas “nunca”, nem ao “quase sempre”.

Na questão: “o exercício de sua função pode interferir (fortalecendo ou enfraquecendo) o grau de resiliência dos alunos?” 70% dos profissionais (40% do fundamental e 30% médio) consideraram que seu trabalho “quase sempre” ou “sempre” influencia este processo. 30% (sendo 20% do fundamental e 10% do médio) consideraram que isso ocorre apenas “algumas vezes”. Pareceu-nos, portanto, que ambas as equipes escolares estão cientes da importância de suas funções no processo de fortalecimento/enfraquecimento da resiliência dos alunos.

Por fim, quando questionamos: “você já solicitou à família a colaboração no processo





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

de fortalecimento de resiliência de seus filhos/alunos?” 70% (com 40% do médio e 30% do fundamental) referiram “quase sempre” ou “sempre” solicitar. 20% dos profissionais (apenas do nível fundamental) solicitaram “algumas vezes” essa participação. 10% “não informaram”.

**2º Objetivo Específico: “Conhecer a percepção dos adolescentes sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior”.**

Em relação à pergunta: “você se sente bem no ambiente escolar?”, a maioria, 61,27% considerou sentir-se bem “quase sempre” ou “sempre” (sendo 23,99% do ensino fundamental e 37,28% do médio), seguido de “algumas vezes” ou “nunca”, 38,73% (sendo 26,31% do fundamental e 12,42% do médio).

No que diz respeito a: “quando não consegue acompanhar os conteúdos em sala, você procura os professores?”, quase 70% dos alunos (67,92%) afirmaram que só os procuram “algumas vezes” ou até mesmo “nunca” os procuram (destes, 31,8% são do ensino fundamental e 36,12% do médio). 31,79% procuram os professores “quase sempre” ou “sempre” (onde 18,5% são do ensino fundamental e 13,29% do médio). 0,29% não informaram. Infelizmente não temos dados suficientes para afirmar o motivo desta baixa procura pelos professores. Eles podem ser vários, tais como: falta de disponibilidade destes profissionais ou até mesmo o desinteresse dos alunos.

Sobre: “quando você está passando por alguma dificuldade, pode contar com os professores e equipe escolar?”, infelizmente a maioria dos alunos (68%) disse que podem contar apenas “algumas vezes” ou “nunca” (sendo 36,1% do fundamental e 31,8% do médio). 31,2% consideraram poder contar “quase sempre” ou “sempre” (destes, 13,6% foram do fundamental e 17,6% do médio).

É válido ressaltar que, conforme apresentamos anteriormente, as respostas fornecidas a esta pergunta, tanto pelos professores, quanto pela equipe escolar, de ambas as escolas, mostraram um resultado diferente do encontrado na resposta dos alunos. A maioria, tanto dos professores, quanto das equipes escolares, referiu que os alunos podem contar “sempre” ou “quase sempre” com eles, diferentemente do que acabamos de apresentar. Diante desta divergência, e caso os alunos estejam com a razão, nos remetemos a uma das importantes funções da escola, que seria dar assistência incondicional aos seus alunos, pois na visão destes, ela não está sendo bem desempenhada. Sem dúvida alguma, as relações interpessoais vivenciadas na escola devem assegurar um espaço protetivo, onde as crianças e adolescentes deveriam se sentir seguros e acolhidos.

Interrogados sobre: se “você confia na maioria dos professores?”, um pouco mais de 50% dos alunos (50,6%) consideraram confiar neles



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

apenas “algumas vezes” ou “nunca” (sendo 21,4% alunos do ensino fundamental e 16,8% do médio). 49,2% (26,9% do ensino médio e 22,2% do fundamental) afirmaram isso ocorrer “sempre” ou “quase sempre”. Segundo Vargas (2009), o processo de motivação do aluno está diretamente relacionado à confiança atribuída ao mestre. Quando não confiamos em algo, ou alguém, nos sentimos coagidos. É possível que a baixa crença de poder contar com os professores e equipe escolar esteja justificada pelo baixo índice de confiança na maioria dos professores, mostrado na análise da questão atual.

Sobre: “em caso de discussões ou brigas entre colegas, você acha que os alunos se sentem seguros neste ambiente escolar?”, lamentavelmente, a grande maioria dos alunos, 70,2% (41% do nível fundamental e 29,2% do nível médio), afirmou que só se sentiram seguros “alguma vez” ou “nunca”, enquanto 28% (sendo 20,2% do médio e 7,8% do fundamental) consideraram que o sentimento de segurança ocorre “quase sempre” ou “sempre”. Apenas seis pessoas não informaram.

Segundo os dados dessa questão, a maioria dos alunos de ambas as escolas sentem que a segurança está, de algum modo, comprometida. Neste sentido, a escola cria um ambiente de insegurança e medo, que acaba por comprometer não só o desenvolvimento intelectual e sócio afetivo dos estudantes, como também os pressupostos da educação, como o de aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

Além disso, precisamos registrar a disparidade das respostas dos professores e da equipe escolar, em relação a dos alunos. Em uma das questões presente no questionário dos professores, como já expomos, a maioria (68%) acredita que essa segurança ocorra “quase sempre” ou “sempre”, enquanto 32% consideraram que isso ocorre “nunca” ou “algumas vezes”. Do mesmo modo, em relação à mesma questão apresentada à equipe pedagógica, 90% destes profissionais consideraram que a segurança existe “quase sempre” ou “sempre”.

Em relação a: “se sentir tratado com carinho e respeito”, 52,9% consideraram que isto ocorria “nunca” ou apenas “algumas vezes” (sendo destes, 28,3% do ensino fundamental e 24,6% do médio). 46% dos alunos (destes, 24,8% do médio e 21,1% do fundamental) mencionaram que isto ocorria “quase sempre” ou “sempre”. Ou seja, pouco mais da metade dos alunos afirmaram que “nunca”, ou talvez apenas “algumas vezes” tenham sido tratados com respeito. Isto nos inquieta a ponto de nos perguntarmos se é possível se sentir bem em um determinado ambiente sem que aconteça o ingrediente mínimo/principal: o respeito?

## CONCLUSÃO

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)





# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Conforme exposto, analisamos o papel das escolas e dos profissionais no favorecimento dos processos de resiliência de alunos do Ensino Fundamental 2 e Médio da Rede Pública de Ensino, informado através de seus processos pedagógicos e de suas práticas docentes. Realizamos quatro tipos de análises comparativas: entre professor e aluno, aluno e equipe escolar, apenas entre os alunos e entre as três esferas. Utilizamos apenas o questionário como recurso para a coleta dos dados.

Diante das análises, podemos considerar que todas as esferas consideraram ser necessário posturas mais humanas para o fortalecimento das relações, pois enriquece os laços afetivos e estimula a existência de alguns valores e princípios, tais como: a confiança e o respeito, sem descartar a importância do aparato técnico, para não incorrerem em reducionismos. A escola, enquanto espaço educativo é um dos lugares mais propícios para amadurecer e solidificar a base humana, através do incremento da autoconfiança.

A seguir, apresentaremos os principais resultados obtidos no 1º e 2º objetivos. O 3º objetivo será tratado no momento em que estivermos apresentando os dois primeiros.

**Em relação ao 1º objetivo específico** (Investigar a percepção dos profissionais que trabalham nas escolas analisadas, em relação a como o ambiente escolar pode fortalecer a resiliência dos alunos adolescentes), as respostas dos **professores** do nível fundamental e médio, de um modo geral, versaram sobre aspectos de ordem mais técnica e humana. Sobre os aspectos mais técnicos houve referências a proporcionar um ambiente escolar mais rico e estimulante; a realizar projetos que envolvessem a área social e a comunidade do entorno, utilizando um currículo que valorizasse estes aspectos; a incentivar os jovens a desenvolverem projetos que priorizassem o seu desenvolvimento intelectual e social; a buscar uma melhor organização da grade curricular; a trabalhar o conhecimento científico e o saber cultural articulando a valores humanos, a cultura de paz e a questões ambientais; a incentivar na elaboração do projeto pessoal de vida; a criar espaços formais e diversificados de convivência, envolvendo-os como protagonistas de suas ações. Houve, ainda, a preocupação de encaminhar os aluno(a)s, quando necessário, para atendimentos especializados.

Além disso, foram mencionados aspectos ligados à formação humana dos alunos, como por exemplo: mostrar a realidade da vida e as possibilidades de melhoras que ela dispõe; destacar a importância de ensinar a respeitar o próximo, contribuindo com uma formação cidadã, destacando as noções de seus direitos e deveres; priorizar uma pedagogia “afetiva”, materializada em elogios e diálogos, ouvindo seus anseios e dificuldades, “acordando-os”.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

As **equipes pedagógicas** de ambas as escolas consideraram, de modo geral, que podem contribuir no processo de crescimento do aluno a partir do momento que estimularem o desenvolvimento da criticidade, da autonomia, da cidadania e do respeito pela diversidade. Assim como mencionado pelos professores, os profissionais destacaram a importância de conscientizar os alunos sobre a necessidade da educação para o desenvolvimento social, envolvendo-os em projetos que os possibilitem serem sujeitos de sua própria formação, incentivando-os a acreditar que são vencedores. Assim como os professores, também consideraram o encaminhamento dos alunos para atendimento especializado, sempre que necessário. Em um percentual maior que o dos professores, 80% da equipe pedagógica afirmaram que os alunos “sempre” podem contar com eles e 90% disse que os alunos “quase sempre” ou “sempre”, devem se sentir seguros no espaço acadêmico. Assim como ocorreu com os professores, 70% de ambas equipes pedagógicas entenderam que podem interferir no grau de resiliência de seus alunos.

**Sobre o 2º objetivo específico** (Conhecer a percepção dos **adolescentes** sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior), mais da metade (61,2%) considerou sentir-se bem, “sempre” ou “quase sempre”, no ambiente escolar, mas só pouco mais de um terço (31,3%) acreditou poder contar “quase sempre” ou “sempre” com os profissionais da escola. Esse último resultado é dissonante com os expostos há pouco, aludidos pelos professores e equipe pedagógica. Talvez este resultado se justifique pelo fato de um pouco mais de 50% dos alunos (50,6%) não conseguirem confiar “sempre” nos professores. E apenas 28% se sentem “sempre” ou “quase sempre” seguros na escola (mais uma dissonância em relação às respostas fornecidas pelos profissionais). Sobre serem tratados com carinho e respeito, menos da metade dos alunos (46%) mencionou que isto ocorria “quase sempre” ou “sempre”.

Para Henderson e Milstein (2005), “proporcionar afeto e apoio” é um dos passos que produz efeito de compromisso com a sociedade, além do reconhecimento positivo por parte dos alunos e familiares em relação aos docentes e equipe escolar. Infelizmente não encontramos em nossa pesquisa, na percepção da maioria dos alunos, um sentimento de confiança, segurança, carinho e de acolhimento por parte dos profissionais que trabalham nas escolas, apesar destes terem destacado a importância disto ocorrer, de terem citado várias estratégias para viabilizá-lo e de terem uma visão diferente, muito mais otimista por sinal, de como as relações interpessoais em seus espaços vêm se construindo. Talvez falte disponibilidade sincera para escutar o que nem sempre é dito, para enxergar o que nem sempre aparece e para, humildemente, entender que





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

estamos e estaremos sempre nos metamorfoseando, nos adaptando em prol da melhoria da qualidade de vida da coletividade. No caso em particular, entendemos que o diálogo franco entre os pares se faz essencial, mas isso só poderá ocorrer em um ambiente de confiança.

Neste sentido, é possível que haja uma distância razoável entre a teoria e a prática, mas como toda grande caminhada se inicia com um primeiro e decisivo passo, esperamos que estas Instituições repensem a cultura da escola como o todo, pois quando trabalhamos em harmonia, e pensando na formação humana do SER, o resultado é muito mais consistente e permite suportar e superar as adversidades advindas do meio escolar e da vida como um todo, fortalecendo a resiliência de alunos, que tanto ensinam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 14 Feb. 2009.

BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, A. C. G. *Resiliência. Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995.

CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. de S.; MOREIRA, C.O.F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.18, n. 69, p.761-774, out./dez. 2010.

HENDERSON, N.; MILSTEIN, M.M. *Cómo fortalecer la resiliencia en las escuelas*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SUDBRACK, M. F. O.; DALBOSCO, C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. *Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente: Maio, 2005*. Disponível em



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200082&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200082&script=sci_arttext). Acesso em 10 de outubro de 2008.

TAVARES, J. (Org.). Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

TISSERON, S. *La résilience*. Que sais-je? Dépôt legal. Paris: Press Universitaires de France, 2007.

VARGAS, C.P. O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola. *Revista Espaço Acadêmico* – Mensal – nº 101 – Outubro de 2009.

YUNES, M.A.M. Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, nº especial, p. 75-84, 2003.